

mpereira@globo.com.br

CARLOS ALBERTO SARDENBERG



Não pode o Palocci? Pois arranjem um “tipo Palocci”. E poderiam buscar também um “tipo Meirelles” para o BC

Tipo Palocci

A presidente Dilma tem uma saída tão simples quanto eficiente para escapar da confusão em que se meteu: basta chamar o Palocci, nomeá-lo chefe de toda a área econômica e dizer, na posse, que ele tem plena liberdade para aplicar um poderoso ajuste nas contas públicas. Sou capaz de apostar uma garrafa de vinho (selecionada pelo Renato Machado) que o risco Brasil e os juros cairiam no mesmo dia.

Não seria um gesto assim tão fora de propósito. Na verdade, Dilma estaria simplesmente repetindo o que fez seu mentor, Lula, no começo do primeiro mandato, em 2003. Lembra-se? Palocci, então ministro da Fazenda, produziu um superávit primário maior que o obtido no governo de FHC. O Banco Central, com Henrique Meirelles, elevou a taxa básica de juros, tudo isso criando as bases para um bom ambiente macroeconômico.

Verdade que deram uma enorme sorte. O mundo desandou a crescer e a China multiplicou por 40 suas importações do Brasil. Mas se a casa aqui não estivesse em ordem teria sido impossível aproveitar a bonança externa. Como, aliás, a presidente Dilma não aproveitou a enxurrada de capitais e o bom momento dos emergentes nos últimos anos - mamata que está acabando.

Mas sabemos das dificuldades. Começa que a presidente Dilma não admite haver problemas em sua política econômica. Ainda ontem voltou a dizer que está tudo em ordem, inflação controlada, país crescendo e tudo o mais.

Deve ser, entretanto, só da boca para fora. Não é possível que não estejam vendo os dados que mostram



— **“Dentro do governo Dilma Rousseff, virtudes se transformam em pecados neoliberais. Para ela, que é economista formada, mudar é mais difícil”**

PIB para baixo e preços para cima, mais o dólar escalando e o aumento do déficit externo. Não é possível que acreditem mesmo nas lambanças contábeis que fazem as contas públicas parecerem equilibradas.

Notícias de debates dentro do governo têm vazado para os jornalistas. Enfim, é evidente, mesmo para os economistas mais próximos do governo, que algo precisa ser feito. E algo mais profundo do que, por

exemplo, a simples retirada do IOF para aplicações estrangeiras em títulos do governo – estimulando aquilo que antes chamavam de especulação.

Esse algo só pode ser um forte ajuste nas contas públicas – ou seja, corte severo de gastos – anunciado com credibilidade. Daí a necessidade do Palocci. Ele já fez isso, já propôs uma política de longo prazo para zerar o déficit geral do governo e tem a confiança do mercado.

Ocorre que essas virtudes transformam-se, dentro do governo Dilma, em pecados neoliberais. A própria presidente já detonou essas ideias de ajuste. Ela precisaria, portanto, mudar de ponto de vista. Não seria necessário ajoelhar no confessionário, pedir perdão e mudar por convicção. Basta a necessidade, como foi, aliás, no caso de Lula no primeiro mandato. Até hoje ele não gosta de ter assinado a Carta ao Povo Brasileiro, nem de ter deixado Palocci fazer o que fez. Mas foi flexível diante das circunstâncias. É certo, por outro lado, que Lula

nunca foi de ter algo como uma doutrina, um pensamento econômico. Dançava no vai da valsa. Já Dilma, economista formada, tem convicções que se mostram equivocadas. Para ela, mudar é mais difícil.

Outro problema é que Palocci está com a reputação abalada. O mercado, os agentes econômicos continuam tendo saudades dele. Já no ambiente político, a rejeição é óbvia.

Mas esse obstáculo também poderia ser driblado. Não pode o Palocci? Pois arranjem um “tipo Palocci”. E já estando com a mão na massa, poderiam buscar também um “tipo Meirelles” para o Banco Central.

Não vamos aqui citar nomes, até para não queimá-los, mas o perfil está dado: experiência, capacidade comprovada na gestão pública, credibilidade no ambiente econômico e a convicção sincera de que a variável-chave no Brasil de hoje é um superávit primário enorme, caminhando para até 5% do PIB, de modo a zerar o déficit público, medido sem truques, é claro.

Complementos: uma alta forte na taxa básica de juros para derrubar as expectativas inflacionárias; ampla privatização de infraestrutura; reformas micro para tornar o ambiente de negócios mais favorável ao empreendedor privado. Mas só precisaria anunciar mesmo o tal ajuste fiscal.

“Neoliberal!”, gritam. Pois é, mas a alternativa desenvolvimentista de Dilma – juros para baixo, dólar para cima e gasto público acelerado – deu em inflação alta e crescimento baixo. Se nada for mudado, daqui a pouco vem mais desemprego e mais inflação, como na Argentina.

A escolha, pois, se dá entre “tipo Cristina” e “tipo Palocci”.

EMPREENHIMENTO EM GUARAPARI

Condomínio e hotel nas Três Praias

Iema analisa pedido de licenciamento do plano; audiência pública acontece dia 20

/// RITA BRIDI
@redgazeta.com.br

Será realizada na próxima quinta-feira, dia 20, no Sesc de Guarapari, a audiência pública para apresentação à sociedade civil do empreendimento residencial e turístico Três Praias. O Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Iema) está analisando o pedido de licenciamento do projeto, que será construído pelo grupo Brook-

field Incorporações.

Procurada, a empresa informou, por meio de nota, que não se manifestará durante o processo de licenciamento ambiental do empreendimento. A única informação liberada por ela foi a realização da audiência pública, onde será apresentado o Estudo de Impacto Ambiental (EIA).

No Relatório de Impacto Ambiental (Rima), disponibilizado pelo Iema em seu site, é citado que o empreendimento residencial e turístico Três Praias prevê a instalação de infraestrutura urbana (casas, apartamentos, comércio, lazer e ho-



Trecho das Três Praias, região que abrigará projeto

tel), em um terreno de 964.670,87 metros quadrados (m²), sendo 317.482m² de área construída.

Serão dois condomínios de apartamentos e um hotel, totalizando 2.100 unidades residenciais, cinco quadras esportivas, cinco áreas de recreação, um clube e praças. O projeto prevê áreas de uso comum como praças, lojas, cafés e restaurantes.

O tamanho dos apartamentos varia de 90 m² a 145 m², distribuídos por edifícios de dois a cinco andares. A maioria dos condomínios será composta por 262 unidades cada. O hotel

terá cinco andares, com apartamentos com vista para as Três Praias. Estima-se que o empreendimento vá gerar 3.150 postos de trabalho nas 2,1 mil unidades que serão construídas.

O Iema está divulgando a realização da audiência pública para que a população conheça o empreendimento, possa discutir os impactos e propor alternativas.

SERVIÇO

Evento: Audiência pública para debater o Empreendimento Residencial e Turístico Três Praias

Data: 20 de junho, às 19 horas

Local: Sesc, Rodovia do Sol, 01, Muquiçaba, Guarapari.